Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS
Vol. 17 Nº 35, Jul - Dez de 2025
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Entrevista

História Oral, Acervos e História Pública: diálogos com Alessandro Casellato

Oral History, Archives and Public History: dialogues with Alessandro Casellato

Lessandro Casellato[*]
Luciane Sgarbi Grazziotin[**]
Maíra Ines Vendrame[***]

Entrevistado: Alessandro Casellato – Professor associado de História Contemporânea na Universidade Ca' Foscari de Veneza. Seus temas de interesse são: prática, metodologia e aplicações da História Oral e dos arquivos orais; experiência e memória do ativismo político, investigadas por meio de histórias locais, biografias e autobiografias, redes familiares; história regional e local; história do trabalho, dos trabalhadores e dos sindicatos; didática da história, história pública, "história vista de baixo".

Data e Local da Entrevista: São Leopoldo, 25 de junho de 2025

Introdução

A entrevista que segue é resultado de parcerias que foram se consolidando ao longo dos últimos cinco anos. Nossa aproximação se deu em virtude de interesses comuns em relação a determinados temas e perspectivas de pesquisa, bem como aos usos dos documentos, às formas de interpretá-los e reflexões sobre experiências de História Pública. Nesse percurso, ganharam destaque em nossas reflexões as discussões e avanços em relação à produção e à divulgação das pesquisas, em diálogo com a metodologia da História Oral e com atenção dedicada aos arquivos de memória, em especial àqueles existentes em lugares marcados pela imigração italiana no sul do

[*] Professor associado de História Contemporânea no Departamento de Ciências Humanas da Universidade Ca' Foscari de Veneza. Seus interesses de pesquisa incluem arquivos orais, comunismo italiano, história do trabalho e história local e regional.
[**] Professora na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). É bolsista Produtividade/CNPq 1D.
[***] Professora visitante no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Professora Permanente no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Brasil. Desse modo, estabeleceram-se as interlocuções com o professor Alessandro Casellato, durante uma de suas vindas à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Em 2025, no âmbito de um projeto Universal[1], Casellato proferiu palestra e ministrou aula no PPGEdu da UNISINOS, além de visitar arquivos e acervos no Vale do Sinos e na Serra Gaúcha. Essas atividades geraram desdobramentos que reverberaram em trocas teóricas e metodológicas, abriram possibilidades de investigação e estimularam parcerias interinstitucionais, resultando também na presente entrevista.

Nela, o entrevistado destaca pesquisadores de referência no debate historiográfico italiano e internacional, como Luisa Passerini (1984), Maurizio Gribaudi (1988) e Alessandro Portelli (1985) – este último amplamente conhecido no Brasil. Menciona, ainda, Nuto Revelli, reconhecido como um dos precursores do uso da História Oral na Itália, além de apontar para aspectos ligados ao desenvolvimento da História Pública na última década na Itália.

Entre os temas abordados por Alessandro Casellato nas páginas que seguem, uma prática pedagógica merece especial atenção. Trata-se da utilização da História Oral nas escolas italianas como estratégia para combater o esquecimento. Segundo ele, a partir dos anos 2000 "[...] na Itália como em outros países da Europa, foram introduzidas, por lei, as 'Jornadas da Memória', que impõem a todas as escolas a recordação de eventos eticamente e politicamente importantes da história pública [...] o risco é que as crianças, se não forem orientadas pelos professores, voltem a ser ouvintes passivos e deixem de ser coprotagonistas ativos da construção do conhecimento".

Concluímos esta breve introdução com outra afirmação do nosso entrevistado: "[...] não se deve esquecer que as fontes orais têm realmente algo de diferente, e é justamente isso que as torna tão complexas e, ao mesmo tempo, fascinantes. No fundo, podem-se considerá-las insubstituíveis para investigar certos aspectos da relação com o passado".

[1] Projeto de Pesquisa – Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 – FAIXA B – UNIVERSAL.

1. Professor Casellato, entre teus interesses de pesquisa consta, na página da Universidade da Ca' Foscari, a prática, a metodologia e as aplicações da História Oral. Como foi tua aproximação com a pesquisa utilizando História Oral como metodologia?

Comecei ainda como estudante, com uma tese de graduação dedicada à história de um bairro popular da minha cidade, na primeira metade do século XX, chamado "pequena Rússia", porque era uma fortaleza comunista. A História Oral me servia para estudar a vida cotidiana durante o fascismo e a guerra. Mas eu também estava interessado em compreender a memória dos comunistas italianos logo após o fim da União Soviética e a dissolução do Partido Comunista Italiano (PCI): um "apocalipse" cultural, além de político, que envolveu os sentimentos de milhões de militantes que haviam orientado sua vida segundo um ideal político e, também existencial, representado pelo "comunismo". Naqueles anos eu havia lido alguns livros importantes que utilizavam fontes orais para a história cultural da classe operária; cada um deles o fazia de maneira diferente, sinal da grande potencialidade dessa metodologia: Luisa Passerini (1984), *Torino operaia e fascismo*; Alessandro Portelli (1985), *Biografia di una città*; e Maurizio Gribaudi (1988), *Mondo operaio e mito operaio*.

2. Quais estudos, realizados por ti, destacarias como mais significativos, utilizando História Oral?

Continuei a estudar as biografias e as memórias dos comunistas italianos, utilizando fontes orais junto com egodocumentos escritos, isto é, autobiografias, diários, cartas. Isso permitiu investigar as relações entre esfera pública e privada e, em particular, a construção da subjetividade e as formas de disciplinamento de si dentro do Partido Comunista no período stalinista. Um "protótipo" desse percurso é a biografia de Giuseppe Gaddi, um representante da geração de militantes cuja personalidade foi marcada por experiências muito fortes: a prisão fascista, a escola leninista em Moscou, a temporada das frentes populares na França, o confinamento político, a Resistência armada. Definiam-se como "revolucionários profissionais" e dedicaram toda a sua vida à política, isto é, ao partido e à preparação do "momento

certo" de fazer a revolução. Mas, pouco depois da Libertação, foram colocados às margens do PCI, porque prevaleceu a linha moderada da "via democrática", e os revolucionários já não serviam. Viveram os trinta ou quarenta anos seguintes escrevendo e recolhendo memórias. Alguns ainda chegaram a ver a dissolução da União Soviética (URSS) e o fim do próprio PCI. Acrescento outro tema que enfrentei, de modo um pouco diferente, com os instrumentos da História Oral, em várias pesquisas realizadas muitas vezes com outras estudiosas e estudiosos: a história da transformação das culturas do trabalho nos últimos cinquenta anos. As entrevistas, as histórias de vida recolhidas com o gravador foram fundamentais para entender como mudou a forma de pensar dos trabalhadores e trabalhadoras, e de como estes eram pensados, nos anos da globalização e do neoliberalismo.

3. Uma vez que tens vindo ao Brasil com certa frequência e tido contato com arquivos cujas memórias arquivadas de imigrantes italianos são preservadas, perguntamos-lhe: em que medida esses arquivos auxiliam na compreensão da História contemporânea da região do Vêneto?

Desenvolvi um interesse pelas histórias de emigração entre Itália e América Latina há poucos anos, isto é, desde que descobri em minha universidade um arquivo de entrevistas realizadas nos anos 1980 e 1990 com descendentes de emigrantes italianos, em particular para o Brasil: esse arquivo – com 37 CDs de entrevistas gravadas – havia sido esquecido, abandonado. Disso surgiu o questionamento sobre as razões desse desinteresse por um arquivo de vozes registradas graças a vultosos financiamentos públicos. Também comecei a me colocar novas perguntas, que tinham no centro os arquivos orais, uma tipologia de fontes que, na Itália, é pouco protegida e valorizada. Em minhas viagens para o Brasil, procurei observar como os arquivos orais eram tratados e descobri que, na realidade brasileira, eles têm um estatuto muito mais reconhecido. Além disso, estudar os arquivos orais da emigração/imigração ítalo-brasileira me permitiu compreender como a memória pública da migração teve percursos diferentes nos dois países, muitas vezes entrelaçados a reivindicações políticas e a políticas identitárias.

4. Sob o ponto de vista da criação, conservação, valorização e reutilização de arquivos orais, podes fazer uma análise desses processos na Itália – que é teu espaço de investigação – e do que pudeste presenciar no sul do Brasil?

Na Itália estou participando de um projeto de pesquisa dedicado a este tema, isto é, a vida dos arquivos orais depois que se esgota a pesquisa que os produziu. Há 150 anos existem tecnologias que permitem registrar a voz e os sons, do fonógrafo de Edison até os atuais gravadores digitais. Há 70 anos conduzem-se campanhas de gravações de entrevistas para documentar histórias de vida e testemunhos sobre eventos do passado. E, no entanto, na Itália não existem arquivos consolidados e reconhecidos nos quais seja possível conservar essas gravações, colocá-las à disposição de outros estudiosos, utilizar os materiais produzidos por outros pesquisadores no passado. Isso enfraquece também o estatuto epistemológico da História Oral, que de fato no contexto italiano ainda é pouco reconhecida e praticada em nível acadêmico. O projeto de pesquisa do qual faço parte quer propor um percurso seguro e replicável para a conservação, a descrição e o reuso científico dos arquivos de fontes orais recolhidos no passado. Estamos nos confrontando com problemas infraestruturais e informáticos (graças à colaboração com os engenheiros) e lidando com as questões jurídicas implicadas na complexa legislação europeia de proteção de dados pessoais (cada entrevista contém todos os tipos de dados, a começar pela própria voz de quem fala). Além disso, o reuso de entrevistas, feitas por outros, impacta alguns temas éticos (isto é, a consideração do envolvimento dos sujeitos que as produziram dentro de uma relação pessoal de confiança) e epistemológicos (questiona-se até que ponto é possível compreender uma entrevista sem conhecer a fundo o contexto em que ela nasceu). Em maio houve um congresso no qual, pela primeira vez na Itália, foi discutido o problema do "reuso" dos arquivos orais: que é um terreno pouco conhecido no qual estamos nos aventurando.

5. Considerando os arquivos orais existentes em regiões de colonização italiana no Rio Grande do Sul, que preservam memórias da imigração e costumes dos imigrantes do fim do século XIX, em que medida esses acervos podem interessar a pesquisadores italianos? De que forma poderiam ser aproveitados para promover um diálogo entre os dois países?

Primeiramente, esses arquivos orais deveriam interessar aos linguistas. Ter gravações em tais idiomas, como aquelas que foram coletadas ao longo de muitas décadas e em diferentes locais do Rio Grande do Sul, é um grande recurso para os estudiosos de dialetologia, interessados em estudar como as línguas vernaculares são realmente faladas em suas infinitas variações e na metamorfose contínua produzida pelo tempo e pelo contato com outras línguas. O mesmo vale para as tradições orais formalizadas, como canções ou contos. Há alguns anos, fiz um estudo sobre as variações da canção *Merica Merica* (Casellato, 2019), identificando diferentes versões tanto no Brasil quanto no Vêneto, registradas em momentos distintos ao longo de várias décadas, e mostrando como ela era uma canção que expressava sentimentos bastante complexos e até contraditórios, e que só com o tempo se fixou na versão que se tornou predominante.

A história da emigração entre Itália e Brasil só pode ser compreendida considerando ambos os extremos dos fios que se desenrolam entre Europa e América, pois as pessoas que se mudaram mantiveram relações – reais e imaginadas – entre os lugares de partida e os de chegada. Documentar e, assim, poder estudar as trajetórias ítalo-brasileiras de forma interconectada poderia permitir uma compreensão mais profunda das razões, das escolhas e dos recursos ativados por quem viveu a experiência migratória: tanto de quem partiu e viveu a emigração no Brasil, transmitindo depois essa memória às gerações seguintes, quanto de quem permaneceu na Itália, construindo uma memória ainda diferente.

Acrescento que as entrevistas, as histórias de vida, os testemunhos em primeira pessoa nunca estão totalmente alinhados às grandes narrativas históricas, nem coincidem com o senso comum ou com o discurso hegemônico sobre o passado. Sempre contêm desvios, variações, diferenças. Ter arquivos de fontes orais, egodocumentos, genealogias e memórias familiares igualmente disponíveis e acessíveis, tanto na Itália quanto no Brasil, bem organizados e capazes de dialogar entre si graças às tecnologias digitais, poderia dar uma grande contribuição às pesquisas dos especialistas, mas também às de tantos cidadãos que – cada vez mais – buscam a própria história familiar por paixão pessoal.

6. Em uma palestra em 2019, na Fundação Nuto Revelli, tu falas, entre outras questões, sobre Revelli (1977) *e sua obra* Il mondo dei vinti, *na qual ele produziu relatos de História Oral de 85 moradores do campo ao redor de Cuneo. Há relação entre essa obra e teu interesse em narrativas de memória? Qual o legado desse autor com o desenvolvimento da História Oral no meio acadêmico italiano e, de forma específica, com tua trajetória como pesquisador?*

Nuto Revelli é um autor de referência para quem faz História Oral na Itália. Foi um dos "pioneiros" desse tipo de metodologia. Já a partir dos anos 1960 começou a recolher histórias de vida de pessoas comuns – no início, veteranos da guerra e da retirada da Rússia, que foi uma hecatombe para o exército italiano – e a traduzi-las em livros que subverteram o modo como se narrava a guerra e, depois, a história do século XX. Trouxe à atenção dos leitores as experiências de homens e mulheres pertencentes a grupos sociais – em particular os camponeses – que não tinham tido espaço no discurso público e nem mesmo na historiografia. Ao ler seus livros, aprendemos muitas coisas, porque Revelli dá espaço tanto às vozes de seus testemunhos quanto à sua voz interior, dialogando com o leitor, explicando-lhe as razões de sua pesquisa, discutindo questões historiográficas, mas também civis, políticas e éticas. Por isso foi natural extrair de suas obras uma antologia de indicações metodológicas sobre como fazer História Oral, que utilizo como instrumento didático. No próximo ano, ela será traduzida e publicada na revista *Laboratoire italien* para o público francês e francófono, que vem demonstrando muito interesse por Nuto Revelli e seus livros.

7. Na tua fala aqui na Unisinos para o Programa de Pós-Graduação em Educação, intitulada "La storia orale a scuola: esperienza, tradizione e innovazione", ou seja, "A História Oral na escola: experiência, tradição e inovação", podes discorrer sobre essa pesquisa? Como vem sendo desenvolvida? Quais os objetivos do estudo? Quais contrapontos entre tradição e inovação são possíveis?

Ocupo-me da história da escola já há vários anos, tendo organizado um número especial da revista *Venetica* dedicado às inovações didáticas nos anos 1960 e 1970, quando os professores foram protagonistas de um amplo e variado movimento

de transformação cultural da sociedade italiana em sentido democrático. Naquela época não se falava em "História Oral", mas começaram a experimentar as chamadas "pesquisas de ambiente", isto é, ensinar História de maneira ativa, a partir dos contextos em que as crianças viviam: a família, o vilarejo, a cidade. Observar, escutar, fazer perguntas, gravar, transcrever, publicar entrevistas com pessoas que haviam sido testemunhas de eventos ou processos históricos era uma prática didática que tornava os estudantes protagonistas da construção do saber histórico, e não apenas destinatários de discursos já prontos elaborados por outros. Durante minha conferência – na Unisinos – tive o prazer em recordar algumas figuras de professores e escritores para a infância, como Maria Montessori, Maria Maltoni, Mario Lodi, Lorenzo Milani, Linda Bimbi e Gianni Rodari, que representam uma genealogia italiana pouco conhecida até mesmo na Itália, e que muitas vezes dialogavam com intelectuais de outros países, como Anton Makarenko, John Dewey, Célestin Freinet e Paulo Freire. Acredito, porém, que seja necessário começar a historicizar também experiências mais recentes. Penso na temporada conhecida como a "era do testemunho", que teve forte impacto no ensino da História. A partir dos anos 1980 e 1990, cada vez mais frequentemente testemunhas da *Shoah*, das deportações, das violações dos direitos humanos entravam em sala de aula, em pessoa ou através de testemunhos videogravados. A partir dos anos 2000, na Itália, como em outros países da Europa, foram introduzidas por lei as "Jornadas da Memória", que impõem a todas as escolas a recordação de eventos eticamente e politicamente importantes da história pública. Isso levanta novos problemas: o testemunho dos eventos da grande História já não é o avô camponês que conta sua vida ao netinho e aos seus colegas de classe. O testemunho é frequentemente uma figura pública; é um profissional da narrativa. Apresenta-se como detentor da verdade, mais ainda do que o professor ou o historiador. O testemunho suscita sentimentos de deferência e respeito, não de familiaridade ou confiança. O risco é que as crianças, se não forem orientadas pelo professor, voltem a ser ouvintes passivos e deixem de ser coprotagonistas ativas da construção do conhecimento. Hoje, além disso, surgem novas e urgentes questões sobre como tratar esses temas na escola diante do que, há dois anos, vem acontecendo no Oriente Médio, isto é, o extermínio em curso do povo palestino pelo Estado de Israel, que usa a *Shoah* como forma de legitimação de políticas de segurança com efeitos genocidários. Também hoje a História Oral pode ser um

instrumento extraordinário para sair das narrativas nacionalistas e dar espaço a relatos e memórias diferentes, como fez Svetlana Aleksievič em seus livros.

8. O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) foi criado em 1973, com o objetivo de abrigar e produzir fontes documentais relevantes para a história do país, constituindo-se em um dos primeiros, senão o primeiro acervo de memórias arquivadas do Brasil. De lá para cá, esses acervos se proliferaram tanto em níveis institucionais como pessoais. Mesmo depois de tanto tempo, a História Oral ainda é percebida com certa desconfiança no meio acadêmico no processo de produção historiográfica no Brasil. Como se deu esse processo na Itália e como é percebida essa metodologia pelos historiadores italianos de modo geral?

Na Itália é pior. Escrevi sobre isso há pouco tempo em um ensaio que amadureceu justamente depois das minhas experiências de pesquisa no Brasil, comparando aquilo que observei aí com a situação italiana (uma primeira versão em português, depois desenvolvida em italiano) (Casellato, 2023, 2025). Procurei compreender as razões da persistente desconfiança da historiografia acadêmica italiana em relação à História Oral, ou ao uso das fontes orais nos estudos historiográficos. Uma das razões, creio eu, está, também, na falta de uma rede de arquivos bem-organizados como os que foram estruturados no Brasil graças ao modelo oferecido pelo CPDOC, arquivos que permitem aos pesquisadores um relacionamento crítico, analítico e documental com a fonte oral, análogo ao que possuem com outras fontes com as quais estão habituados a trabalhar. No entanto, não se deve esquecer que as fontes orais têm realmente algo de diferente, e é justamente isso que as torna tão complexas e, ao mesmo tempo, fascinantes e, no fundo, insubstituíveis para investigar certos aspectos da relação com o passado. A pessoa que narra já não é a mesma que viveu as coisas de que fala. E, no meio, há uma terceira pessoa: aquele ou aquela que entrevista, ou seja, que escuta e faz perguntas. É uma triangulação complexa entre presente e passado e entre sujeitos diferentes que se encontram e produzem uma narrativa, que nasce no momento em que é registrada e, portanto, contém todas as oscilações e imprecisões próprias de uma entrevista de História Oral.

Ter consciência desse jogo delicado de olhares, perspectivas e planos temporais é fundamental para interpretar as fontes orais não de maneira "positivista", isto é, como um "dado", mas sim como etapas de um processo. Para os professores mais atentos, a História Oral não é um atalho para fazer conhecer a história "verdadeira" e "autêntica", na medida em que foi vivida em primeira pessoa, mas é um modo de fazer com que os estudantes entrem no laboratório da historiografia.

9. Na Itália, a História Oral e a História Pública têm trajetórias próprias, mas também pontos de convergência. Como você vê as possibilidades e os limites desse encontro?

Na Itália, a História Oral é, desde o início, História Pública; não surge nas universidades (como nos Estados Unidos) nem em centros de alta cultura (como no Brasil), mas no interior dos movimentos sociais, das experiências de intervenção civil e do ativismo político a partir dos anos 1960. Ela nasce como "história militante", isto é, como instrumento voltado a contribuir para a transformação da sociedade, ampliando a voz de grupos sociais marginalizados e reconhecendo que a história não é prerrogativa dos especialistas, mas faz parte da vida e, portanto, também da memória e dos relatos das pessoas comuns. Contudo, justamente no momento em que, na Itália, a "história militante" entra em crise, entre as décadas de 1970 e 1980, a História Oral passa a refletir sobre suas próprias especificidades e se propõe como uma metodologia capaz de apreender dimensões da realidade histórico-social que, de outro modo, permaneceriam não acessíveis (subjetividade, memória, imaginário). Para mim, essa dimensão propriamente científica da História Oral é de grande relevância.

O campo da história pública na Itália se formalizou muito mais recentemente, com a criação, em 2016, de uma associação nacional que adotou a denominação anglófona *public history*, quase como se não reconhecesse as raízes italianas e as numerosas experiências prévias de História Pública em meu país, das quais a História Oral constitui apenas uma das componentes. No momento, a *public history* mostra-se bastante dinâmica, ainda que me pareça ser entendida sobretudo como divulgação ou comunicação do saber histórico, quando não até mesmo como forma de

entretenimento. Por exemplo, o uso que alguns trabalhos de *public history* fazem dos testemunhos orais é bastante limitado e de fôlego curto: as tecnologias digitais de gravação tornam tudo muito mais fácil, mas também mais superficial. A meu ver, porém, o verdadeiro desafio consiste em verificar, a partir de exemplos concretos, se a História Pública – isto é, o envolvimento em diferentes níveis de não especialistas na produção do conhecimento histórico – gera de fato resultados também cientificamente relevantes, seja em termos de acesso a novas fontes, seja em termos de enriquecimento ou revisão das interpretações sobre o passado.

Referências

CASELLATO, Alessandro. Merica Merica. Permanenze, varianti e rimozioni nelle memorie d'emigrazione. **Venetica**, n. 57, 2019. Disponível em: https://iris.unive.it/retrieve/e4239ddd-6445-7180-e053-3705fe0a3322/Venetica 57-2019_seconde bozze-2-199-216.pdf. Acesso em: 11 out. 2025.

CASELLATO, Alessandro. História oral na Itália: trajetórias e desafios. **História Oral**, v. 26, n. 3, 2023. Disponível em: https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1346. Acesso em: 11 out. 2025.

CASELLATO, Alessandro. Clio, ci senti? Fonti e archivi orali per la ricerca storica: il "caso" italiano, talporanea. Italia contemporanea, n. 307, aprile 2025. Disponível em: https://journals.francoangeli.it/index.php/icoa/article/view/18968. Acesso em: 11 out. 2025.

GRIBAUDI, Maurizio. **Mondo operaio e mito operaio**. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo Novecento. Torino: Einaudi, 1988.

PASSERINI, Luisa. **Torino operaia e fascismo**. Una storia orale. Roma: Laterza, 1984.

PORTELLI, Alessandro. **Biografia di una città**. Storia e racconto. Torino: Einaudi, 1985.

REVELLI, Nuto. **Il mondo dei vinti**: Testimonianze di vita contadina. Torino: Einaudi, 1977.

Recebido em Novembro de 2025
Aprovado em Novembro de 2025